

A COMUNIDADE DO ETERNO RETORNO DO MÚTUO NA TRILOGIA GEOGRAFIA DE REBELDES DE MARIA GABRIELA LLANSOL

Celina Martins

Universidade da Madeira

Resumo: *A Trilogia Geografia de Rebeldes, de Maria Gabriela Llansol, explora um curso alternativo da História da Europa em que São João da Cruz, Ana de Peñalosa, Tomás Müntzer e Friedrich Nietzsche se transmutam na comunidade dos mutantes, impulsionados pela vontade de pujança (Llansol) na esteira de Nietzsche. Cada nômada acolhe a metamorfose textual e se redinamiza como o pobre na dinâmica do devir e do eterno retorno do mútu. O texto ucrônico de Llansol repensa novas experiências de relação com toda a forma do vivo, fora da impostura da hierarquia, apelando para a liberdade de consciência na nossa sociedade sob o signo do hiperindividualismo.* 67

Palavras-chave: **rebeldes; comunidade de mutantes; vontade de pujança; alquimia; eterno retorno do mútu.**

Abstract: *The Trilogy Geography of Rebels, by Maria Gabriela Llansol, explores an alternative course of European History in which St. John of the Cross, Ana de Peñalosa, Thomas Müntzer and Friedrich Nietzsche are transmuted in a mutants' community, driven by the desire for might (Llansol) in the wake of Nietzsche. Each nomad welcomes the textual metamorphosis and revives as the poor in the dynamics of becoming and of the eternal return of the mutual. Llansol's uchronic text rethinks new experiences of relationship with every form of living, outside the deception of hierarchy, calling for freedom of conscience in our society under the sign of hyperindividualism.*

Keywords: **rebels; mutants' community, desire for might; alchemy; eternal return of the mutual.**

O texto vê a agonia irreparável de dionísio (não o mito), fonte autónoma de ser e de pujança, de diferença irreduzível e nutritiva,

M. G. Llansol, *Onde vais, Drama-Poesia?*

Estamos ligados por uma coerência, não por uma identidade.

M. G. Llansol, *O Livro das Comunidades*

68 Marcada pelo hiperindividualismo e pela influência das novas tecnologias de comunicação, a sociedade do século XXI acentuou o mundo orwelliano em que a televisão, a *internet*, o telemóvel parecem controlar os actos, contactos e gestos dos sujeitos num excesso de informação e contra-informação, que se sobrepõe ao projecto de formar a liberdade de consciência. Nesta sociedade de profusão, hiperconsumo, busca imediata do sucesso sob o signo da hegemonia do padrão americanizado e de poderes económico-políticos desestabilizadores da cultura, Lipovestsky denuncia o facto de o sujeito estar em constante ligação com redes que são simulacros de comunidades, determinadas “pela embriaguez de contactos [...] a conectividade afectiva, a abertura dos possíveis e dos encontros, o jogo até com a sua própria identidade, “uma segunda vida” (2004: 98) que aprofunda, em geral, a hipertrofia da solidão povoada. Face à vertigem das comunidades virtuais, reflectirei sobre a noção de comunidade que Maria Gabriela Llansol aprofundou desde a publicação d’*O Livro das Comunidades. Geografia de Rebeldes* no sentido de sondar a luz de comunidades de criadores e pensadores que foram condenados e reduzidos “à impotência” e “à cega opressão de alguém sobre alguém” (Llansol, 1994a: 96).

Considerando o texto llansoliano como um jogo de resignificações entre o antigo e o novo, o passado e o futuro, a memória e a desmemória, centrarei a minha indagação sobre o texto de Llansol em torno de quatro núcleos de força: “rebeldes”, “comunidade de mutantes”, “idiorritmia” (Barthes, 2002: 65) e “o eterno retorno do mútuo” (*Finita*, Llansol, 2005: 24). N’*O Livro das Comunidades*, os nomes de São João da Cruz, Tomás Müntzer e Friedrich Nietzsche surgem associados à semântica da revolta: a reforma mística dos

Carmelitas descalços, o insucesso da insurreição camponesa na Batalha de Frankenhäusen, a desconstrução e a transvaloração dos modelos estanques que Nietzsche levou até às últimas consequências, minado pela demência e o desinteresse dos seus conterrâneos: “como é que um louco rio desaguará na época imprópria” (Llansol, 2003a: 79). A geografia espiritual do eremita – que nunca instituiu a discriminação de uns sobre os outros (Llansol, 1994: 110) – disseminou-se, anulando o acesso a novas formas de relação entre os seres e a evolução do pensamento. Na *Trilogia Geografia de Rebeldes*,¹ o declínio do eremita como “energia vagueante contra-o-mundo” (Llansol, 1994a: 110) é, metonimicamente, referido a partir da mão decepada de São João da Cruz (Llansol, 1999: 23) que remete para o martírio sofrido durante o cárcere de Toledo. Müntzer, o apólogo da revolução camponesa, erra com a cabeça decapitada na mão (Llansol, 1999: 33, 35). Nietzsche, por sua vez, é o excluído da sociedade: “homem atormentado [...] muito desagradável aos olhos de outro” (Llansol, 2003a: 46). A mutilação dos corpos de São João da Cruz e Müntzer não só representa o fim do misticismo associado ao desprendimento dos Carmelitas descalços e ao insucesso da revolução levada a cabo pelos camponeses contra os senhores, como também repensar o vazio da experiência, o vazio da deturpação no qual as ideias de Nietzsche se perderam durante a hegemonia do nazismo. Desde 1977 até 1990, Llansol perscruta e explora um curso alternativo da História na sua textualidade fragmentária: os rebeldes dispersos fundaram cosmogonias diversificadas cujo contributo foi silenciado pelo dogmatismo. Para Llansol, trata-se, por conseguinte, de um trabalho de anamnese que busca: “Perscrutar e receber certas dobras quase gastas e apagadas de acontecimentos históricos” (2005: 29).

69

Apesar destas rupturas que teriam favorecido a “interrogação humana, e o meio exclusivo da resposta a encontrar” (Llansol, 1994a: 101), o texto llansoliano não se inscreve na distopia. Impulsionada pela força afirmativa da ucronia eudemonista “de intenção *apocatástica*” (Barrento, 2008: 149, itálico do autor), Llansol escava o verdadeiro sentido da História; reúne, num tempo simultâneo, os eleitos “de rara presença” (Llansol, 2000: 204) de forma a sondar os vestígios da sua faculdade transformante, porque os mutantes lutaram para que a verdade fosse um valor no seu tempo. Numa dinâmica de dobras e transformações imprevistas, Llansol autonomiza os vultos históricos com o

1 Esta trilogia é constituída por três textos: *O Livro das Comunidades, A Restante Vida e Na Casa de Julho e Agosto*.

intuito de reflectir sobre novos modelos de relação que integrem toda a forma viva, acolhida no texto segundo a designação de “existentes-não-reais” (1994a: 112) num posicionamento avesso à verosimilhança canónica.

É a partir de um trabalho análogo à operação alquímica (Llansol, 2003a: 71) que Llansol transforma os insurrectos em “figuras”² da mutação: a mutação da personagem em figura, a mutação do olhar visionário, a mutação da *poiesis*, a mutação do devir. Llansol reanima o sopro dos rebeldes ao facultar-lhes uma segunda vida que incentiva a reformular novos modelos de interacção do homem com a religião, o poder, a moral e a decadência do pensamento. Ao migrarem como aves e vozes do diverso para a paisagem da textualidade llansoliana, São João da Cruz, Ana de Peñalosa, Müntzer e Nietzsche renascem com outros “módulos, contornos, delineamentos” (Llansol, 1998: 130). Transformam-se em consonância com o fluxo e o fulgor da escrita do devir em figuras inacabadas que não se confinam ao sentido que a História dos vencedores lhes atribuiu.

Num trabalho de reescrita constante, Llansol recupera “a vontade de pujança”³ (Llansol, 2003b: 165) de Nietzsche que anuncia a comunidade dos prematuros: “Depois de morto terei a minha vingança: saberemos voltar, nós os prematuros” (Llansol, 1999: 59).⁴ Em *Aurora*, Nietzsche associa os **70** prematuros à linhagem dos “não-conformistas” que traz a marca do novo dentro da dinâmica da comunidade:

Os não-conformistas que são tão frequentemente indivíduos inventivos e fecundos não devem ser mais sacrificados ; torna-se mesmo necessário deixar de considerar ignominioso o facto de alguém não se conformar à moral, em acções e pensamentos; torna-se necessário proceder a um **grande número de novas experiências de vida e de comunidade** (1997: 111-112, sublinhado nosso).

2 A figura é um feixe de multiplicidades heterogéneas em Llansol: pode ser um vulto histórico, um animal, uma planta, um diálogo, um pensamento, uma visão, uma frase. A figura não se inscreve na narratividade, ela participa da mutação. Tem a coerência e a consistência de se transformar com novos sentidos e posicionamentos em consonância com a textualidade do devir. Cf. João Barrento, “Matéria leve. Sobre a Figura e um seu paradigma”, *Na Dobra do Mundo*, 2008, pp. 45-57.

3 A noção foi traduzida por “vontade de poder”. Utilizo a expressão de Llansol para a distinguir da impostura de poder enquanto imposição de valores e regras.

4 No momento da feitura d’*O Livro das Comunidades*, Llansol leu *Aurora* e *Assim falava Zaratustra*. Cf. O espólio de escritos deixados pela escritora, *Uma data em cada mão, Livro de Horas I*, 2009, p. 108 sob a edição de João Barrento e Maria Etelvina Santos.

São João da Cruz, Müntzer e Nietzsche configuram a comunidade dos prematuros, dado que o seu acto fundacional e os seus valores de mudança sucederam no tempo impróprio da ex-comunhão: o tempo da História do Príncipe “a figura do poder de um sobre os outros” (Llansol, 1994a: 111). Os rebeldes são os extemporâneos que vão de encontro ao espírito dogmático; não se definem por uma identidade fixa, são, pelo contrário, figuras abertas à comunidade sem regra, a comunidade “da excepção”, como observou Lopes (2003: 187). São “um complot de singularidades” (Llansol, 2009: 58) que se transfiguram, sem cessar, na paisagem textual impregnada “de recordações do futuro” (Llansol, 1999: 20) para combater a Medusa do esquecimento. Ao longo da sua errância, os prematuros traçam os percursos da “geografia eremítica” (Llansol, 1994a: 110) cujo bloqueio não permitiu o salto qualitativo na evolução do pensamento.

Em virtude do carácter mítico que molda, em certos fragmentos, a trama da ucronia llansoliana, o texto insiste na errância da comunidade dos mutantes que não se inscrevem nem em categorias, nem em essências pré-determinadas (Agamben, 1993: 12). O mutante é um agenciamento múltiplo e plural gerado no e pelo fulgor do texto: transforma-se permanentemente à medida que entra em atracção ou em choque com um jogo de forças e linhas de fugas rizomáticas e imprevisíveis. O mutante de Llansol pode ser lido à luz de Agamben: entra em ressonância com “a vontade (*libet*), o ser qual-quer que estabelece uma relação original com o desejo” (Agamben, 1993: 11, itálicos do autor). Constituída pelos “fora-da-série” (Llansol, 1999: 9), liberta da imposição de taxonomias, a comunidade dos mutantes emana, por conseguinte, o dom vitalista da diferença na acepção que Nietzsche confere à vontade de pujança em *Assim falava Zaratustra*, associando-a à “inexausta vontade geradora de vida” (1998: 131), a vontade orgânica que não é exclusiva do homem, mas de todo o elemento vivo, segundo um fluxo de forças activas e reactivas. Considerando que os rebeldes foram condenados à exclusão nas linhas da História, é no texto que eles ganham pujança, porque é-lhes conferida a oportunidade de superação, como revela Zaratustra: “E este segredo foi a própria vida que mo disse: “Olha, disse ela, eu sou o *que sempre deve superar-se a si mesmo*” (Nietzsche, 1998: 132, itálicos do autor).

A vontade de superação na comunidade llansoliana alcança-se graças à intervenção da força feminina de Ana de Peñalosa que transforma o fluxo da agressividade em dádiva de “sobrevida” (Llansol, 2010: 16): “Dar a vida não chega, não é um acorde consonante com a substância. Ressuscitar, sim, é o acorde perfeito” (Llansol, 2003c: 21). A beinfeitora de São João da Cruz torna-se

a mãe de João (1999: 24), Müntzer (1999: 31) e Frederico N. (1999: 59-60). Ao absorver as energias da beguina e da Mãe mítica, Ana partilha o amor, a hospitalidade e fecunda o acto da escrita com cada rebelde através de cartas e reescritas dos textos fundadores de São João da Cruz⁵ e de Nietzsche num jogo de sobreimpressões. Ela é a primeira mulher da comunidade que congrega a forma afirmativa de ler e escrever com o corpo, transformando os rebeldes que se relacionam com ela numa transfusão do sangue da leitura e da escrita em constante processo de auto-regeneração.

O renascer de cada mutante reactiva o eterno retorno de ciclos de pensamentos travados e permite a releitura do passado a partir do modelar de mutantes “que já vieram e ainda não foram recebidos” (Llansol, 2002: 204). Com efeito, Llansol reincorpora e reescreve o fluxo afirmativo de *Assim Falava Zaratustra* pelo gesto do homem tornar a ser criança: “A criança é inocência e esquecimento, um começar de novo, um jogo, uma roda, um primeiro movimento, um sagrado dizer que sim” (Nietzsche, 1998: 30). João, Müntzer e Frederico N. tornam-se crianças dentro da dinâmica da transvaloração (*Umwertung*) que pressupõe a inversão de valores (*Umkehrung*) nos sentidos de dinamitar os fundamentos instituídos e criar novos valores (Marton, 2009: 78). No texto

72 llansoliano, tecido de sonhos, visões contemplativas e lampejos de alucinação, cada rebelde caracteriza-se por ter o seu próprio ritmo distintivo de acção: a sua capacidade de idiorritmia. Vinculado ao vocabulário religioso, o termo designa, inicialmente, uma organização específica de monges, situada no monte Atos. Os monges viviam sós sob a dependência de um monastério “à la fois autonomes et membres de la communauté située à mi-chemin entre l’eremitisme des premiers chrétiens et le cénobitisme institutionnalisés» (Barthes, 2002: 24). Barthes refere-se a um tipo de comunidade que leva uma vida em comum mas cada membro segue o seu próprio ritmo (2002: 37). Composta de *idios* (próprio) e *rhythmos* (ritmo), a palavra “idiorritmia” tem espessura plurissignificativa, dado que ritmo, como observou Benveniste, não é sinónimo de movimento regular das ondas, pelo contrário, convoca uma forma distintiva e fluida (1966: 332), modelada como a túnica grega: “un péplos que l’on arrange à son gré, à la disposition du caractère ou de l’humeur” (1966: 333). Para Barthes, a noção

5 Llansol leu a biografia de São João da Cruz e *As Obras Completas* do místico durante o seu exílio na Bélgica. N’*Uma data em cada mão*, Llansol confirma a leitura do livro *Actualité de Jean de la Croix*, p. 48. Ler São João da Cruz foi uma experiência terapêutica e impulsionadora na concepção do seu projecto da escrita da sobreimpressão em que a vida e a textualidade entram em simbiose: “O Augusto [companheiro de Llansol] e São João da Cruz salvam-me da solidão absoluta”, p. 50.

desenvolve-se sob o signo da metáfora, permitindo-lhe explorar a relação complexa do sujeito com os sistemas do poder. “La demande d’idiorrythmie se fait toujours contre le pouvoir” (2002: 69) visto que o sujeito tem a autarcia, a componente *idios* que lhe permite adequar o seu ritmo. Em Llansol, cada mutante tem a oportunidade de afirmar o seu ritmo e receber o ritmo provocado pela vibração do texto. Segundo as cadências de cada viajante, a idiorritmia, em Llansol, é a tentativa de conciliar a vida colectiva e a liberdade de cada rebelde que deambula entre a solidão meditativa, o encontro e a troca do inesperado. Em *Finita*, Llansol refere o seu desejo utópico de comunidade que permite várias modalidades de encontro e se engendra na fluidez descontínua dos tempos:

E de desejar que fôssemos sociáveis e eremitas.

Que vivêssemos entre nós como quem obedece sem paixão, nem adesão, a uma Regra leve. Que, eremitas, vivêssemos as gestalts que somos e cuja criação se espalhasse sobre nós, sem nos embeber, mas por gosto. O possível da indiferença criadora, da inatenção reflectida, do egoísmo compaciente e da solidariedade, por alegria de vida (2005: 34).

73

A alegria de vida, o viver em comum dentro de uma comunidade incomum é determinado pela intensidade de cada mutante, como tentarei mostrar ao seguir o grão do texto. No lugar 2 d’*O Livro das Comunidades*, a figura de São João da Cruz inaugura a transvaloração da vida: assa um carneiro num forno num gesto de ruptura com a tradição judaico-cristã que impôs o “monotónico-teísmo” (Nietzsche, 2000: 28) como religião do ressentimento e da culpa. São João da Cruz sacrifica o carneiro de Deus da intolerância, transmutando novos encontros no forno da alquimia. Para fundamentar esta leitura paródica, Llansol enfatiza o seu posicionamento contra o Cristianismo imposto pela sua família burguesa: “Deus não existe. Mas é escrito por São João da Cruz” (Llansol, 2009: 24).⁶ São João da Cruz soube preservar o laço de comunhão com Deus a partir de uma prática mística pautada pelo desprendimento que se distancia da instituição católica como dogma. Ele deu

6 No *Falcão no Punho*, Llansol reafirma o seu acto de dessacralização: “tirar o d de deus, e chamar *eus* ao que for a diferença que o priva de ser a sua vontade”, 1985, p. 16. Itálicos da autora. Em 1990, Llansol reescreve a oração do Pai Nosso na voz de Témia, a menina que temia a impostura da injustiça e da língua para fazer emergir a verdade de Maria Adélia que teve que abortar o seu filho, fruto da relação clandestina com o pai, 1991, p. 22.

vida ao Deus que brotou da nervura dos seus poemas “Cântico Espiritual”, “Llama de Amor viva” e “Noche obscura”. Para Llansol, é um paradigma do eremita que aspirou, no silêncio e na solidão meditativos, a superar-se ao máximo. No *Livro das Comunidades*, a figura de São da Cruz é o primeiro errante da “poliforme restante vida” (Llansol, 2010: 34), a vida que pulsa nos ínfimos restos dos vinte e seis lugares d’*O Livro das Comunidades*, impregnados de pólos de intensidades múltiplas. A figura do eremita medita, sonha e escreve os vestígios de uma relação de partilha esquecida com todo o ser vivo, apagando a voragem da hierarquização. No lugar 5, São João da Cruz despe-se da roupagem canónica e torna-se “João” – o nómada – que percorre os caminhos iniciáticos do rio, dos pinheiros e da iluminação da vela (Llansol, 1999: 27). Neste lugar de meditação, marcado pela presença viva do rio e as mudanças de clima insólitas associadas à lógica do sonho, Ana de Peñalosa e João entram em contacto com a pele de Coração de Urso que surge da interacção da água e da luz da vela numa simbiose de água e fogo, associada à “Grande Obra alquímica” (Llansol, 2010: 72). Ana de Peñalosa e João são os intercessores alquímicos que acolhem a pele informe do urso como *nigredo*,⁷ anunciadora do princípio de um novo ciclo (Romey, 1995: 470): a errância no deserto por onde João “sempre à beira da escrita” (Llansol, 1999: 38) transita com Pégaso e Ana de Peñalosa, orientado pelo guia Coração de Urso (Llansol, 1999: 50) de forma a reactivar a memória perdida do massacre de Frankenhäusen. É Coração de Urso que carrega o corpo “morto e adormecido” de Müntzer e lhe devolverá como forma de *nigredo* um novo recomeço. É no deserto que Coração de Urso nasce da neve de uma gota de sangue que cai do pescoço de Pégaso. Segundo Lopes, o texto repete, parcialmente, o nascimento de Pégaso que brota de uma gota de sangue de Medusa, concluindo que o tempo da guerra – os cavalos da batalha do Apocalipse de João Patmos – dá lugar ao tempo do amor (2003: 223). Após a reencenação da batalha, prossegue-se com o ciclo alquímico: o urso inscreve as etapas da *albedo* (a neve) e da *rubedo* (Jung, 1970: 301-303)⁸ sob o signo do sangue, abrindo luz à hospitalidade entre João e Müntzer. Nesse instante, a energia soturna de Müntzer altera-se, apesar de decapitado, volta a defrontar a autoridade,

7 A etapa da *nigredo* como momento crucial do início é referida por Llansol como cena fulgor: “Fiquei ali olhando uma luz irradiando o negredo da alquimia”, *Finita*, 2005, p. 113.

8 Llansol leu *Psychologie et Alchimie* de Jung quando concebia a trilogia *Geografia de Rebelde*. Cf. *Um Arco singular*, 2010, pp. 76 e 79. *O Livro de Horas II* permite estabelecer novos elos entre a obra publicada e os cadernos manuscritos que relatam o processo de escrita da trilogia, nomeadamente *A Restante vida* e *Na Casa de Julho e Agosto*.

instaurando a sinergia com Coração de Urso: “Por todos os lugares onde passava arrancava o poder” (Llansol, 1999: 44). Preserva-se a co-alimentação de afectos entre “o coração de São João da Cruz [...] que se afundava no pêlo do urso” (Llansol, 1999: 43) que relança a transmutação alquímica vinculada ao processo de escrever em Llansol. Daí que a figura de São João da Cruz revitalize Müntzer ao restituir pelo bordado-escrita o corpo desgarrado do irmão textual num gesto que reafirma a interanimação da escrita e da leitura entre ele e Ana de Peñalosa. Nesta cena de fulgor, o deserto já não é a página em branco da História, é a paisagem da casa da linguagem nascente de Llansol. A vida volta a pulsar no corpo de Müntzer que recupera a sua cabeça adulta, disponível a repetir o ciclo da utopia. Müntzer renasce com o olhar consciente da mutação:

São João da Cruz ergueu o seu outro rosto, [...] principiou a bordar palavras com o dedo sobre o corpo incompleto de Müntzer. Ana de Peñalosa olhava os seus dois filhos, lia a escrita que cobria as costas do decapitado. Da sua respiração saíam sons rápidos e atônitos, ouvia-se o vento que os acompanhara desde o deserto. Ana de Peñalosa deitou-se para trás, a cabeça de Müntzer nascia das suas pernas, adulta, os olhos dificilmente descerrados (Llansol, 1999: 50).

Nesta comunidade de isorritmia, a figura de São João da Cruz é “o actor da palavra” (Llansol, 1999: 19) cuja linguagem mística é apropriada por Llansol sob o signo da escrita-cópia que desloca o texto entranhado em outra direcção: os restos do poema “La Llama de amor viva” transformam-se na chama transformante da alquimia – “a cor falante do fogo” (Llansol, 1999: 26) – na dinâmica da sobreimpressão em que o texto anterior e a reescrita se sobrepõem um no outro, esvaziando o domínio do poder. Llansol recupera também o *topos* místico da noite obscura no sentido de alcançar a luz a partir da leitura das trevas: é necessário sondar os vários vazios do desprendimento místico, da moldura da personagem canónica e do Vazio provocado do prólogo que subverte a tradição da História e das instituições, abala a possibilidade de estabilização (Fenati, 2009: 31) e reafirma a singularidade inclassificável de cada rebelde. É fundamental perscrutar o extravio como autognose, segundo a acepção medieval (Lopes, 1988: 14) numa itinerância constante: “não sei se hei-de prosseguir ou

voltar para trás, mas não posso deixar de percorrer o caminho que andei” (Llansol, 1999: 25, 28). Llansol sobreimprime no *topos* de São João da Cruz o lugar do perigo e da superação que “é forçoso atravessar por aí passar” (1999: 36). Tal com sucedeu em Peñuela, São João da Cruz entranhou a experiência do deserto como sublimação do corpo (2005: 231), o ritual da mutação implica que as figuras de João e Müntzer atravessam a noite obscura do deserto, renunciando o fulgor da “metanoite” de *Lisboaleipzig 2^o* em que “a visão jubila em metamorfose” (1994b: 13-14). A noite obscura torna-se: “um lugar de risco que é preciso atravessar para crescer na intensidade” (Barrento, 2008: 109).

É, precisamente, no valor de luz intensa que Müntzer é acolhido como o herói banido: “o autor da batalha” de Frankenhausem (Llansol, 1999: 53). O traço distintivo que o diferencia do ritmo contemplativo de João da Cruz é o desejo de combate para transformar as injustiças em prática da igualdade. No lugar 14, as figuras de João da Cruz, Ana de Peñalosa entram, de novo, em ressonância através do tacto que faz emergir a palavra da verdade de Müntzer. Nesse momento, Müntzer fala, firme e afirmativo, para poder revelar aos co-partícipes da travessia a pujança da sua pregação – o Manifesto de Praga – tal como sucedera “na presença dos Senhores João e Frederico de Saxe” (Llansol, 1999: 53) num **76** recomeço da ucronia, sem princípio nem fim.

É através da carta “Texto ao Sol Submetido” que a mediadora Ana de Peñalosa faculta vida ao quarto mutante emblemático d’*O Livro das Comunidades*: Frederico N. Esta figura preenche o lugar vazio deixado pela cabeça decapitada de Müntzer. Frederico N. nasce no rio da escrita no qual João adquire toda a intensidade do fulgor: “o livro aberto sobre os joelhos a nascer da boca por uma qualidade especial de sol” (Llansol, 1999: 18). Todavia, a figura de Nietzsche enquanto fluxo de energias intempestivas tem de percorrer a noite do exílio e abrir-se à metamorfose. Para Llansol, o mito do eterno retorno que atravessa em filigrana todo *O Livro das Comunidades* é um percurso de conhecimento importante dentro da configuração da comunidade, dado que o filósofo lhe ensinou “a atravessar o tempo, excluindo qualquer forma de desterro ou resignação. Mostrou-me que o tempo era perpendicular, que havia nele lugares privilegiados por onde se passa ciclicamente” (Llansol, 2003b: 165). No entanto,

9 Barrento comenta: “A metanoite [...] é a busca de uma energia autónoma (dos semelhantes na diferença); a do *exílio*, noite obscura dos banidos do tempo, do esquecimento a que a História e os seus poderes os votaram; a do *espírito* que é manifestação de uma energia do corpo), da futura noite da ressuscitação sem ressurreição, da salvação sem deus, de um “espaço edénico” a-teológico, que pode estar à espera de cada um de nós na dobra de qualquer experiência, do outro lado da fronteira da metanoite”, 2008, p. 110, itálicos do autor.

Llansol concebe o eterno retorno de Nietzsche como uma leitura da fatalidade (2003b: 165)¹⁰ e transmuta Nietzsche enlouquecido e repelente através da sobreimpressão e da paródia, insinuada graças à alusão a Lewis Carroll na perspectiva do humor como postura ética. Para se libertar da imagem deturpada que o nazismo propagou do Super-Homem, a figura de Nietzsche estilhaça o espelho da representividade autoral e entra no seu próprio livro, *Assim Falava Zaratustra*, a fim de se tornar a criança da transvaloração: “Zaratustra era o lugar que habitava” (Llansol, 1999: 54). Após um rito de despojamento violento, a figura de Nietzsche é revitalizada pelo amor materno e escritural de Ana de Peñalosa. De modo sibilino e paródico, Llansol reinscreve e remodela na trama d’*O Livro das Comunidades* as metamorfoses de Zaratustra – camelo, leão e criança – conferindo a Nietzsche a ressurreição como um eremita ao ser devorado pelo porco Eckhart. A figura de Nietzsche tem de refazer o percurso do nómada: o seu espírito atravessa a noite obscura, distancia-se do tempo da loucura, suicídio e exclusão para se redinamizar no rio do instante pleno de Eckhart: o rio de palavras do sermão 10 “Stella matutina”.¹¹ Em Llansol, o excerto do sermão surge sob a forma gráfica de um versículo:

77

se eu me concentrar num fragmento do tempo,
não é hoje, nem amanhã
mas se eu me concentrar num fragmento do tempo,
agora,
esse fragmento revelará todo o tempo (1999: 67).

O Livro das Comunidades é a indagação do instante epifânico que fractura *o continuum* da História no intuito de devolver a cada mutante o seu instante de singularidade e entrecruzamento inéditos de energias. O fragmento de Eckhart é a sobreimpressão do instante *Kairos*, o tempo fora do tempo *aion*, o “*nunc*

10 Se considerarmos o eterno retorno como imperativo ético em Nietzsche, o sentido de fatalidade merece ser relativizado. Não se trata do regresso trágico do mesmo, Deleuze aponta a natureza selectiva do eterno retorno: a mesquinhez, a resposta reactiva, o ressentimento estão condenados a desaparecer para que possa surgir o Super-homem. Ao comparar o eterno retorno com a roda, Deleuze acentua o seu valor de afirmação: «L'éternel Retour doit être comparé à une roue ; mais le mouvement de la roue est doué d'un pouvoir centrifuge, qui chasse tout le négatif. Parce que l'Être s'affirme du devenir, il expulse de soi tout ce qui contredit l'affirmation, toutes les formes du nihilisme et de la réaction: mauvaise conscience, ressentiment..., on ne les verra qu'une fois», *Nietzsche*, 1965, p. 38. No mesmo ensaio, Deleuze conclui que o eterno retorno é a repetição que traz a salvação, p. 40.

11 “Si je prends un fragment du temps, il n'est aujourd'hui ni hier. Mais si je prends «maintenant», il contient en soi tout le temps”, Eckhart, *Sermons*, 1987, p. 22.

stans e ninc aeternum” dos místicos (Barrento, 2008: 171, itálicos do autor), o instante acolhedor de todos os tempos descontínuos e heterogêneos, o instante fecundante que reactiva o húmus da escrita. Após o rito paródico de transformação, Ana de Peñalosa e Friedrich N. retomam o trabalho do texto de luz iniciado por São João da Cruz. Ambos copiam um texto inconcluso, alusão sub-reptícia ao *Livro das Comunidades* num efeito de *mise en abyme*. De súbito, as forças entre os mutantes interpenetram-se pela mão de Ana de Peñalosa: “Concentro-me em São João da Cruz quando o texto fala em Friedrich N.” (Llansol, 1999: 57) em desdobramentos inauditos que assumem o risco de abrir clareiras do devir. *Na Restante Vida*, Llansol rompe completamente com o tempo cronológico de modo a instaurar o tempo da comunidade do eterno retorno do mútuo, dado que Nietzsche é concebido como “herdeiro de João” (Llansol, 2003a: 43) numa linhagem de eremitas solidários que abrem a terceira via de um possível diálogo que transcende o peso da religião como dogma e via monoperspectivista.

78 A comunidade do eterno retorno do mútuo é marcada pelo “espírito da desposseção” (Llansol, 1999: 63). O termo “desposseção” convoca vários palimpsestos. Ao viajarem para a paisagem de um corpo ‘a’ screver com “Cem Memórias de Paisagem” (Llansol, 1999: 11), as presenças históricas de São João da Cruz e de Nietzsche recebem um novo nome que é o primeiro indício da sua transformação como comunidade nómada. Atravessar a desposseção implica abrir-se a novas desfigurações e configurações sob a forma do pobre (2003a: 128). Trata-se do pobre que se liberta da impostura do poder da História dos vencedores, o pobre da prática mística que medita e age em consonância com a busca da ascese, o pobre enriquecido pela vontade de pujança, impulsionado pelo desejo de transformar o mundo e de ser transformado, o pobre que afirma a liberdade de consciência. A comunidade dos nomes nómadas encontra-se no lugar do texto de modo a instaurar a comunidade da fraternidade pela mediação de Ana de Peñalosa: a mãe do texto. De sobreimpressão em sobreimpressão, cada mutante repete a viagem do exílio da narrativa canónica. As figuras dos mutantes reiteram os gestos fundadores da comunidade: a cópia como prática medieval e indício de transmutação, a leitura de restos de textos, a escrita, a reescrita. Ao atravessarem a desidentificação lúdica do seu nome do passado, todos se desfazem das suas máscaras como *persona*. Todos realizam o percurso da noite obscura e abraçam o desafio da metamorfose em figuras do devir. O pobre é aquele que repete, dado que ensaia novas explorações na sua errância pelo texto; repete de modo a acolher a diferença que toda a repetição também

implica. Ao abrirem-se à troca de forças, os mutantes interagem num caleidoscópio em que os diferentes corpos se modificam no laboratório alquímico da textualidade llansoliana, fluindo algo de novo no sangue do texto: “Há um resto que foi deixado e que sob a forma do **mútuo** se enuncia” (Llansol, 2005: 46, sublinhado da autora). O novo que cintila no mútuo é o olhar do pobre que aprende a despojar-se da sua voz confinada pela História e avança, sem preconceitos, para a amplificação de sentidos quando é desejo de acolhimento da energia do outro e das vibrações do texto. Cada rebelde caminha e “navega com um denso livro de água” (2003a: 62).

A Trilogia Geografia de Rebeldes redinamiza a reescrita outra da História da Europa. O eterno retorno do mútuo instaura pactos de receptividade entre vestígios de vultos históricos convertidos em figuras que vivem a pujança do instante pleno para recomeçar o seu caminho de inovação e animar a sua nova entoação. A trilogia inaugura o pacto de não-anulação em que os animais de imaginários míticos diferenciados (Pégaso e Coração de Urso) integram a dinâmica textual enquanto figuras que contêm o germe do novo. A comunidade de Llansol convida a modificar o olhar automatizado, repensar a escrita como o espaço da Esfinge que perturba e formula perguntas sobre a violência do poder e o apelo da co-iluminação da noite obscura. No dia 27 de Março de 2011, o Espaço Llansol permitiu aos espectadores e leitores a possibilidade de experienciar o eterno retorno do mútuo em virtude da celebração do Dia Llansol, subordinado à temática “Sobreimpressões – A dimensão europeia da Obra de Maria Gabriela Llansol”.¹² Nesta nossa sociedade de saber mundializado, os seis lugares da exposição restauraram a diferença do pensamento transformador, redinamizaram o trabalho de metamorfose dos vultos históricos, a reformulação do vivo, anunciada desde *O Livro das Comunidades*. A exposição encenou o espaço da indagação aberto aos ritmos da comunidade da leitura e da escrita, que constrói a casa da alquimia da linguagem em que cada figura se transforma na criação “procurando a sua eternidade umas nas outras” (2005: 176):

79

Um grande crepúsculo inundava a escrita, e todos os factos e conhecimentos se inscreviam num contexto de máxima originalidade;
eram derrubados

12 Cf. *Síte* do Espaço Llansol: 29 de Dezembro de 2010 *in* espacollansol.blogspot.com/ (consultado em Fevereiro de 2011).

tritutados,
nem o direito, e o avesso existiam [...]
na casa, os seres encontravam-se não se reconhecendo, ou passavam
uns pelos outros fascinados; e assim se tecia um tecido consistente,
em que o espaço e o tempo não deixavam nem rugas, nem vestígios;
ninguém era louco nem célebre, nem ignorante, nem velho, nem
novo (2003a: 44).

Bibliografia

Agamben, Giorgio, 1993, *A comunidade que vem*, Lisboa, Presença.

Barrento, João, 2008, *Na dobra do mundo. Estudos Llansolianos*, Lisboa, Mariposa Azul, 2008.

Benveniste, Emile, 1966, *Problèmes de Linguistique Générale*, volume 1, Paris, Gallimard.

Barthes, Roland, 2002, *Roland Barthes, Comment vivre ensemble: Simulations romanesques de quelques espaces quotidiens*, edição e notas de Claude Coste, Paris, Seuil/IMEC.

Cruz, San Juan de la Cruz, 2005, *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca de Autores

80 Cristianos.

Deleuze, Gilles, 1965, *Nietzsche*, Paris, P.U.F.

Eckhart, 1987, *Sermons*, Paris, Gallimard.

Fenati, Maria Carolina, 2009, *Três Vazios. Leitura de Geografia de Rebeldes de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa, Vendaval.

Llansol, Maria Gabriela, 1988, *Um Falcão no Punho* [1985], Lisboa, Relógio d'Água.

Llansol, Maria Gabriela, 1990, *Um Beijo Dado Mais Tarde*, Lisboa, Edições Rolim.

Llansol, Maria Gabriela, 1994a, *Lisboaleipzig 1. O Encontro Inesperado do Diverso*, Lisboa, Edições Rolim.

Llansol, Maria Gabriela Llansol, 1994b, *Lisboaleipzig 2. O ensaio de música*, Lisboa, Edições Rolim.

Llansol, Maria Gabriela, 1999, *O Livro das Comunidades* [1977], Lisboa, Relógio d'Água.

Llansol, Maria Gabriela, 2000, *Onde vais, Drama-Poesia?*, Lisboa, Relógio d'Água.

Llansol, Maria Gabriela, 2002, *O Senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a produção estética do mundo, e as suas tentações*, Lisboa, Relógio d'Água.

Llansol, Maria Gabriela, 2003a, *A Restante vida* [1983], Lisboa, Relógio d'Água.

Llansol, Maria Gabriela, 2003b, *Na Casa de Julho e Agosto* [1984], Lisboa, Relógio d'Água.

- Llansol, Maria Gabriela, 2003c, *O Jogo da Liberdade da Alma*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Llansol, Maria Gabriela, 2009, *Uma data em cada mão. Livro das Horas I*, Selecção, transcrição, introdução e notas de João Barrento e Maria Etelvina Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Llansol, Maria Gabriela, 2010, *Um Arco singular. Livro de Horas II*, selecção, transcrição, introdução e notas de João Barrento e Maria Etelvina Santos, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Lipovetsky, Gilles e Jean François Serroy, 2010, *A Cultura-mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa, Edições 70.
- Lopes, Silvina Rodrigues, 1988, *Teoria da Des-posseção. Ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa, Black Son Editores.
- Lopes, Silvina Rodrigues, 2003, "A comunidade sem regra", in *Exercícios de aproximação*, Lisboa, Vendaval, pp. 201-235.
- Marton, Scarlet, 2009, *Extravagâncias. Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, São Paulo, Discurso Editorial & Barcarola.
- Nietzsche, Friedrich, 1998, *Assim falava Zaratustra*, tradução de Paulo Osório de Castro, Lisboa, Relógio d'Água.
- Nietzsche, Friedrich, 1977, *Aurora*, tradução de Rui Magalhães, Porto, Res-Editora.
- Nietzsche, Friedrich, 2000, *O Anticristo, Ecce Homo, Nietzsche contra Wagner*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Romey, Georges, 1995, *Dictionnaire de la symbolique. Le vocabulaire fondamental des rêves*, Paris, Albin Michel.